

100 anos do Grupo Globo



Em 2025, celebramos 100 anos de Globo e das histórias que nos unem. Nas páginas do jornal, das revistas, nas ondas do rádio, nas telas da TV, do cinema, no streaming e nas plataformas digitais. Um futuro que começou em 29 de julho de 1925, na primeira edição do jornal O Globo, fundado por Irineu Marinho e conduzido por décadas por seu filho mais velho, Roberto Marinho. O início do maior grupo de mídia e comunicação do país, onde milhões de brasileiros se encontram e se reconhecem todos os dias. A comemoração do centenário reverencia o que já conquistamos, e aponta para o que queremos construir. Inovando em tecnologia, investindo em talentos e na paixão por boas histórias, com o Brasil como inspiração e como destino. Hoje, amanhã e sempre. Acompanhe e celebre essa trajetória, que é parte da memória coletiva de um país. Cem anos de histórias que são também suas. E apenas o começo das próximas histórias que contaremos juntos.

Fundação do Globo, em 1925, deu origem ao maior grupo de comunicação do país

02/01/2025 11h12 Atualizado há 3 meses

Os veículos do Grupo Globo iniciaram 2025, ano que marca o centenário de fundação do jornal O Globo, com a publicação de uma série de matérias especiais com enfoque na memória dos seus fundadores e no seu legado de inovação para a comunicação no país e de modernização da imprensa brasileira.

Em reportagem especial na edição de 1º de janeiro, O Globo detalhou a agenda de eventos em comemoração dos 100 anos de fundação do jornal, marco inicial do Grupo Globo. Na véspera, em outra matéria especial, com destaque na primeira página, O Globo **homenageou alguns de seus leitores centenários**.

O ano de 2025 é especial para o Grupo Globo, que além do centenário de seu primeiro veículo, comemora os **60 anos da TV Globo** (em abril), os **25 anos do jornal**

Valor Econômico (maio) e da globo.com (março), os **dez anos do Globoplay** (novembro), os **40 anos da revista Globo Rural** e os **50 da Vogue Brasil e Casa Vogue**. Todos os produtos do Grupo Globo ganharam, a partir de 1º de janeiro, o selo comemorativo do centenário, estampado pelo jornal **desde julho passado**.



Fundado no Rio de Janeiro pelo jornalista Irineu Marinho, no dia 29 de julho de 1925, O Globo será tema de uma série documental em quatro partes – com direção de Pedro Bial – sobre a trajetória centenária do jornal, hoje o mais lido do país. Coprodução da Globo, Globoplay e O Globo, com estreia prevista para julho, o documentário recriou antigas redações do Globo, reconstituindo endereços históricos do jornal, como as primeiras sedes, no Largo da Carioca e, a partir de 1954, na rua Irineu Marinho. Os espaços foram recriados, pelas equipes de cenografia e produção de arte dos Estúdios Globo, no megaestúdio de produção digital **inaugurado no mês passado**.

A agenda comemorativa do Globo inclui, ainda no primeiro semestre, o lançamento pela Globo Livros de dois títulos inéditos sobre o jornal: um com textos de jornalistas que fizeram parte da história do Globo, com curadoria da colunista Míriam Leitão, e outro, organizado por Maria Amélia Mello, com os grandes nomes da crônica brasileira que brilharam nas páginas do jornal.

O portal **Grupo Globo/História** também participará das comemorações contando, numa mostra virtual da seção Especiais, a trajetória centenária do jornal O Globo.

HISTÓRIA DA GLOBO

Ver artigo principal: https://pt.wikipedia.org/wiki/História_da_TV_Globo.

Século XX



Roberto Marinho – Fundador da TV Globo.

A primeira iniciativa da *holding* foi o jornal *A Noite*, fundado e dirigido por Irineu Marinho em 1911, no Rio de Janeiro, então capital do Brasil. Em 1925, com o sucesso do vespertino, Irineu decide fundar um segundo jornal chamado *O Globo* que, após sua morte repentina, passa a ter Eurycles de Matos, amigo pessoal de Irineu, como diretor-redator-chefe. Com o falecimento de Eurycles, em 1931, o filho de Irineu, Roberto Marinho, assume o jornal.

Em 1944, ocorreu a inauguração da Rádio Globo, também no Rio de Janeiro, mas foi com a inauguração da TV Globo (transmitida a partir de 1965) a partir da obtenção da concessão do canal 4 do Rio de Janeiro, que a empresa se tornou líder no segmento de mídia e expandiu negócios como com a portuguesa SIC, em 2010.

Nos anos seguintes, o Grupo Globo fundou a gravadora Som Livre (1969), a Fundação Roberto Marinho (1977), a programadora de canais Globosat (1991), o portal Globo.com (2000) e o G1 (2006).

Século XXI

Em 25 de agosto de 2014, a empresa divulgou que passaria a adotar como nome “Grupo Globo”, antes “Organizações Globo”, marca usada desde a inauguração do jornal O Globo em 1925. Segundo Roberto Irineu Marinho: “Essa mudança é resultado da nossa visão de futuro e atuação nos anos recentes. Queremos incentivar e promover cada vez mais a colaboração entre nossas empresas, o alinhamento de objetivos e a busca de resultados comuns. O esforço conjunto será cada vez mais importante para entender expectativas do público e atendê-las”.

No dia 10 de setembro, foi re-lançado o documento "Essência Globo" contendo a visão, missão e valores do Grupo. Sua primeira versão havia sido publicada no ano 2000.



Edifício Jornalista Roberto Marinho, sede da [Globo São Paulo](#).

Em 24 de setembro de 2018, o Grupo Globo anunciou o projeto “Uma Só Globo” onde, em três anos, as operações de suas subsidiárias TV Globo, Globoplay, Globosat, Globo.com e DGC Corp seriam integradas em uma única empresa, sob a razão social “Globo Comunicações e Participações S.A.” e a marca Globo, Sistema Globo de Rádio, Fundação Roberto Marinho e Som Livre não foram contempladas para o projeto e continuam operando independentemente. O processo de reestruturação foi feito com a consultoria da Accenture. Algo similar havia sido feito com as empresas do grupo que atuam no mercado editorial, com a fusão da Editora Globo e as empresas de jornais Infoglobo e Valor Econômico.

Com esse movimento, a Globo tem como objetivo corte de despesas fixas em alinhamento com seu lucro líquido, além de ganhar mais dinamismo e se preparar para enfrentar a concorrência das novas plataformas de mídia que surgem, e que como tendência mundial, estão cada vez mais concentradas.

Em 8 de novembro de 2019, foi anunciado a centralização de algumas empresas do Grupo Globo, que se juntaram em uma nova empresa, apenas de nome Globo. A mudança, que aconteceu em 1º de janeiro de 2020, também operou mudanças em toda a direção do grupo, com remanejamento e promoção de nomes. Em 4 de janeiro de 2021, foi anunciada oficialmente a marca da nova Globo, como resultado da união da TV aberta, TV por assinatura, *streaming* e plataformas digitais. O projeto gráfico foi realizado por uma equipe multidisciplinar e teve como ponto de partida a opinião do públi-

co. Ele ilustra os valores da empresa compostos por brasilidade, proximidade, diversidade, senso de comunidade, liberdade e criatividade. A arquitetura da nova marca traz o uso de letras em caixa baixa para representar a proximidade com o público. As cores vibrantes refletem a natureza, e a tipografia arredondada foi idealizada para trazer a ideia de círculo e movimento.

Um dos principais pontos da reestruturação é que ela passaria a se tornar uma empresa *mediatech*, visionando um futuro mais direcionado aos âmbitos digital e tecnológico. Nóbrega argumentou: “Nossos canais lineares falam com mais de 100 milhões de pessoas todos os dias no Brasil, o que demonstra a enorme relevância da televisão como a conhecemos, mas o conceito do que é televisão está se ampliando com rapidez”. No dia 7 de abril de 2021, foi anunciado um acordo de 7 anos com a plataforma Google Cloud. A parceria contempla a migração de 100% dos dados de seus *data centers* próprios para a nuvem da gigante tecnológica americana, assim como os seus conteúdos, produtos e serviços digitais da nova empresa; e abre possibilidades para a utilização de Inteligência Artificial e *machine learning*, incluindo no desenvolvimento de soluções e no processo de inovação da Globo.

Ainda sob o processo de reestruturação da nova empresa, em 18 de novembro de 2020, o presidente Jorge Nóbrega anunciou que pretendia vender a gravadora Som Livre. Ainda no mesmo dia, colocou-se a marca em processo de *valuation*, para disponibilizá-la ao mercado. A distribuidora global Believe foi uma das interessadas na aquisição, porém, em 1º de abril de 2021, foi anunciado que a gravadora foi adquirida pela Sony Music, em uma transação de estimadamente 255 milhões de dólares. Nóbrega afirmou na aquisição: “Nós queríamos assegurar que esse acordo preservasse tudo que a Som Livre representa para os brasileiros”.

Cobertura de massacres

Após a Chacina em Blumenau, foi anunciada uma mudança na política de cobertura de massacres.

Centenário em 2025



Logotipo da Globo acompanhado da identidade visual comemorativa ao centenário do grupo

No ano de 2025, o Grupo Globo comemora o seu centenário lançando o seu emblema comemorativo (100 anos de Globo), que passou a acompanhar o logotipo das emissoras de televisão, rádio e serviços de internet. O foco especial ficou nos 80 anos da Rádio Globo, nos 60 anos da TV Globo, nos 25 anos do Valor Econômico e nos 10 anos do Globoplay. A logo está disponível em todas as plataformas de páginas da web e na semana de Abril em comemoração especial à “TV Globo 60 Anos” consta a Marca D’água do emblema comemorativo com identificação de matérias especiais. Na segunda-feira (28/04), fechando a programação especial com chave de ouro, a Globo apresentará o histórico “Show 60 anos”. Além disso, o grupo preparou um documentário que contava sobre os 100 anos da empresa, com previsão de lançamento para o mês de julho.

Estrutura corporativa



João Roberto Marinho, atual presidente do Grupo Globo.

O Grupo Globo possui em seu alto escalão os seguintes nomes:

Conselho de administração

- João Roberto Marinho (presidente do conselho de administração)
- Roberto Irineu Marinho (vice-presidente do conselho de administração)
- José Roberto Marinho (vice-presidente do conselho de administração)
- Jorge Nóbrega (conselheiro)
- Paulo Marinho (conselheiro)
- Roberto Marinho Neto (conselheiro)
- Alberto Pecegueiro (conselheiro)
- Rodrigo Xavier (conselheiro independente)
- Paula Bellizia (conselheira independente)

A INFOGLOBO

A Infoglobo, a Editora Globo e o Valor Econômico agora são uma única companhia, composta por um vasto portfólio de 21 marcas, considerando as publicações da Edições Globo Condé Nast (joint venture formada em 2010 com a Condé Nast) e da Globo Livros, que conta com grandes nomes da literatura nacional e internacional, em um catálogo de mais de 800 obras.

A força dos produtos que compõem esta nova empresa do Grupo Globo é um grande diferencial. Há décadas, ela conta histórias com altíssima qualidade e reconhecimento nacional, entregando ao público as mais completas coberturas em diversas plataformas.

Segunda parte de trilogia sobre o fundador do Grupo Globo aborda período entre 1969 e 1981.

No mês do aniversário de 60 anos da TV Globo, a trilogia que conta a história do fundador do Grupo Globo, escrita pelo jornalista Leonencio Nossa, ganhou seu segundo volume. “Roberto Marinho: a Globo na Ditadura – dos festivais às bombas no Riocentro”, editado pela Nova Fronteira, abarca duas décadas, do final dos anos 1960 ao início dos anos 1980.

A partir da realização de entrevistas com familiares e antigos colaboradores de Roberto Marinho, além de pesquisas feitas em arquivos públicos e particulares, que incluíram a consulta a documentos do Acervo Roberto Marinho e a depoimentos concedidos ao Memória Globo, o autor destrincha a trajetória do jornalista e empresário, ícone da comunicação no Brasil.

Neste segundo volume da trilogia, são revelados bastidores de alguns dos principais marcos históricos do Grupo Globo, como a ascensão da TV Globo à liderança de audiência, a mudança do jornal O Globo de vespertino para matutino, e a gênese do Sistema Globo de Rádio, com a aquisição da Rádio Eldorado AM do Rio de Janeiro.

O primeiro livro, lançado em 2019, abordou a trajetória do fundador do Grupo Globo até a fase inicial da TV Globo, finalizando com a estreia, em 1969, do “Jornal Nacional”, primeiro telejornal em rede da TV brasileira. A terceira e última parte da trilogia, com lançamento previsto para 2026, cobrirá a etapa final da vida de Roberto Marinho, que faleceu em 2003.



O GLOBO 100 anos: Um álbum de retratos da MPB quando jovem.

Caetano e Bethânia num passeio de moto, Martinho da Vila nos tempos de Exército, Raul Seixas descalço na bicicleta e outras pérolas do nosso acervo de fotos da música nacional

Por William Helal Filho

01/09/2024 06h01 Atualizado há 7 meses.

Martinho da Vila de farda, na época em que era escrevente do Exército e trabalhava no Palácio Duque de Caxias, no Centro do Rio, mas já ganhava reputação como sambista. Caetano Veloso em um passeio de moto com Maria Bethânia, em Ipanema, logo após voltar do exílio forçado em Londres com o disco “Transa” na bagagem. Rita Lee aos 27 anos, posando para um ensaio de fotos na véspera de um show histórico no festival Hollywood Rock. Raul Seixas pedalando sua bicicleta descalço em meio ao trânsito do Rio.



Maria Bethânia e Caetano Veloso no Rio em janeiro de 1972 – Foto: Rodolpho Machado/Agência O GLOBO.

A Editora Globo tem uma sala de 120 metros quadrados no subsolo de sua sede, com mais de 13 milhões de fotogramas, guardados dentro de 25 mil pastas armazenadas em 27 arquivos deslizantes (estantes tão grandes e pesadas que precisamos de manivelas para movê-las sobre os trilhos). São imagens acumuladas em quase um século, desde que o jornal O GLOBO foi fundado, em 29 de julho de 1925. Diariamente, a equipe do Acervo explora esse manancial de histórias, à procura de cliques antigos ainda não inse-

ridos no banco digital. O objetivo é “desenterrar” registros valiosos e publicar no Blog do Acervo e no perfil do Acervo no *Instagram*, contando o contexto por trás dessas imagens.

Durante as buscas, volta e meia a gente encontra retratos de uma tal de Música Popular Brasileira (MPB) enquanto jovem, ainda em formação, cheia de colágeno e muito futuro pela frente. Lendo reportagens publicadas pelo jornal na época de cada foto – todas as edições do GLOBO estão digitalizadas no site do Acervo –, descobrimos o que a imagem muitas vezes não conta. São capítulos da identidade nacional.

Martinho da Vila, por exemplo, não se sentia bem dentro daquele uniforme verde oliva e estava doido para viver só do samba. Caetano voltou do exílio ansioso para pular o carnaval em Salvador, enquanto Bethânia só pensava em sua primeira turnê fora do país. Marisa Monte já falava como uma sábia aos 20 anos de idade. E Raulzito andava de bicicleta para protestar contra a poluição e queria um jato para ir ao Himalaia, “onde, dizem, tem um campo de pouso para discos voadores”.



Maria Bethânia com Caetano Veloso na moto batizada de Honey Baby, em 1972 — Foto: Rodolpho Machado/Agência O GLOBO.

Caetano Veloso voltou do exílio em Londres, durante a ditadura militar, e foi matar a saudade de Maria Bethânia, que morava em Ipanema. A cantora fez questão de levar o irmão para passear na sua motocicleta Yamaha, apelidada de Honey Baby em alusão a um verso da música “Vapor barato”, de Jards Macalé e Wally Salomão.

Era o início de um ano definidor para ambos os filhos de Santo Amaro da Purificação, na Bahia. Em 1972, Caetano lançou o icônico álbum “Transa”, gravado no exílio, e teve seu primeiro filho, Moreno Veloso. Já Bethânia fez sua primeira turnê internacional e gravou um de seus discos mais importantes, “Drama – Anjo exterminado”, produzido

por Caetano. A Honey Baby, porém, teve que ser vendida. Dona Canô, a matriarca da família, tinha pavor de moto.



Raul Seixas pedando descalço no trânsito do Rio, em 1973 – Foto: Antonio Carlos Piccino/Agência O GLOBO.

Raul Seixas surfava no sucesso de seu disco “Krig-há, Bandolo!”, lançado em meados em 1973, quando foi fotografado pelo jornal fazendo um protesto contra a poluição.

Ele deixou seu carro de lado e saiu pedando no trânsito da Zona Sul do Rio. Um visionário militando contra a emissão de gases do efeito estufa muito antes das mudanças climáticas. Numa entrevista sobre o álbum, recheado de hits como “Mosca na sopa” e “Metamorfose ambulante”, Raulzito disse que tinha entendido o sentido da vida.

Contou que fazia parte de uma sociedade de pessoas despertas que se comunicavam de várias maneiras. “Os caretas estão loucos, perderam o jeito, estão tropeçando a todo instante”.



Elza Soares em 1977 com Garrinchinha, o filho dela com o craque Mané Garrincha – Foto: Otávio Magalhães/Agência O GLOBO.

Elza Soares era matriarca de uma família com 22 pessoas quando lançou o disco “Lição de vida”, em 1976.

Ela morava numa casa em Jacarepaguá com o então marido, Mané Garrincha, os filhos dela, os filhos dele e o pequeno Garrinchinha, fruto do casamento da diva do samba com o ex-craque de futebol. Àquela altura, Elza tinha superado abusos e miséria na infância, além de muitas dificuldades da vida adulta, para se estabelecer como cantora. Mesmo assim, tinha de lidar com preconceito. “O título desse disco vem a calhar

com tudo que passei”, disse a artista. “Pelo sofrimento que vivi, eu poderia ser diferente. Mas passei a respeitar mais a vida. Hoje, sou uma mulher otimista”.



Martinho da Vila em 1969, quando era terceiro-sargento do Exército – Foto: Arquivo/Agência O GLOBO.

O sambista Martinho da Vila tinha 29 anos, e era terceiro-sargento do Exército, quando deu uma entrevista para O GLOBO, em 1969. Ele trabalhava como escrevente da Diretoria de Engenharia da corporação, mas já vinha ganhando fama graças a sucessos como “Casa de bamba” e “Pequeno burguês”.

Na conversa com a equipe do jornal, diante do Palácio Duque de Caxias, no Centro do Rio, o artista estava preste a disputar a final do IV Festival Internacional da Canção (FIC) com a música “Madrugada, carnaval e chuva”. Martinho avisou que estava deixando a vida de militar para se dedicar exclusivamente ao samba. “Não me sinto bem de uniforme, morou?”



Rita Lee aos 27 anos durante ensaio fotográfico no Rio, em 1975 – Foto: José Vidal/Agência O GLOBO.

Rita Lee estava no Rio para se apresentar no Hollywood Rock, festival produzido por Nelson Motta em janeiro de 1975. Na véspera daquele show histórico, a diva do rock nacional posou para um ensaio de fotos que, por algum motivo desconhecido, não foi publicado na época.

As imagens permaneceram esquecidas durante décadas até que, depois da morte da cantora, em maio de 2023, a equipe do Acervo O GLOBO encontrou esse tesouro nos arquivos do jornal.

Na época das fotos, Rita estava a meses de lançar “Fruto Proibido”, seu segundo disco com a banda Tutti Frutti, repleto de hits como “Agora só falta você”, “Esse tal de roque enrow” e “Ovelha negra”.



Marisa Monte aos 20 anos, quando sua carreira começou a decolar – Foto: Selmy Yassuda/Agência O GLOBO.

Pouco depois de dar o que falar com uma série de shows na casa noturna Jazzmania, em setembro de 1987, Marisa Monte encontrou a equipe do GLOBO para falar de sua carreira, dias antes de começar uma nova temporada, na Casa de Cultura Laura Alvim, no mesmo bairro de Ipanema.

A artista de então 20 anos morava na Urca, onde foi clicada a foto acima, e não se mostrava deslumbrada com o sucesso rápido que conquistara. “Não espero nada, estou feliz hoje. Talvez este seja o segredo. Cheguei até aqui dando passos do tamanho das minhas pernas”, disse a cantora, que ainda não compunha, mas só incluía no repertório aquilo que gostava de ouvir, como Chico Buarque, Tim Maia, Rita Lee e Marvin Gaye. “O importante é ser fiel a si mesmo e não atropelar as coisas”.



Milton Nascimento durante show em Três Pontas, Minas Gerais, em 1977 – Foto: Paulo Moreira/Agência O GLOBO.

Em 1977, Milton Nascimento queria fazer um pequeno show ao ar livre em Três Pontas, no interior de Minas Gerais, onde ele passou a infância. Mas a notícia se espalhou, e cerca de 10 mil pessoas apareceram para vê-lo cantar ao lado de Chico Buarque, Fafá de Belém, Clementina de Jesus, Francis Hime, Gonzaguinha e outras feras. A emoção no rosto de Milton era visível.

O cantor se mudou do Rio para Três Pontas com a família que o adotou depois da morte de sua mãe biológica, quando ele tinha 2 anos de idade. Aos 35 anos, o astro da MPB quis fazer uma apresentação na cidade onde cresceu. Na crônica sobre aquele dia,

Nelson Motta escreveu que Milton não deu conta da emoção: tomou um porre, cantou de língua enrolada, esqueceu letras e arranjos, mas foi um “espetáculo lindo”.



Lulu Santos no apartamento onde morava em 1983 — Foto: Chiquito Chaves/Agência O GLOBO.

Lulu Santos estava assim, de short e sem camisa, em seu apartamento na Lagoa, no Rio, quando posou para as lentes do fotógrafo Chiquito Chaves durante uma entrevista sobre o seu segundo disco, “O ritmo do momento”. Lançado em 1983, na esteira do sucesso de “Tempos Modernos”, o álbum tinha hits como “Um certo alguém” e “Como uma onda (zen surfismo)”.

“É através da música que sinto a unificação do país. O que eu curto é levar entretenimento”, disse o cantor, que vinha fazendo shows para multidões no Brasil. “É uma loucura tocar para 30 mil pessoas. A plateia assume a forma de um bicho, que pode te acompanhar, curtindo junto, ou te dar um peteleco”.



Chico Buarque e Bob Marley no campo do Polytheama, em 1980 – Foto: Luiz Pinto/Agência O GLOBO.

Em 1980, enquanto gravava seu álbum de estúdio *Uprising*, que viria a ser seu último trabalho lançado em vida, o músico jamaicano Bob Marley recebeu um convite de Ramón Segura, diretor geral da Ariola, para vir ao Brasil no lançamento da gravadora alemã em território tupiniquim.

Apaixonado pela Seleção Brasileira de Futebol, tricampeã mundial na época, o convite foi irrecusável para Marley. Assim, aos 34 anos o maior nome do *reggae* do mundo veio ao Brasil pela primeira vez – e sequer pisou em palcos ou gravadoras pensando em trabalho.

.....

Rádio no Brasil: há mais de 100 anos, criando e contando histórias

A primeira transmissão de rádio foi realizada, de forma experimental, em 1919. Desde então, o meio de comunicação desperta o interesse dos brasileiros.

Publicado em 25/09/2021 09h23. Atualizado em 31/10/2022 20h39.



O rádio começou a chegar aos lares brasileiros a partir da década de 1930 e se tornou paixão nacional.

O Dia Nacional do Rádio, celebrado neste sábado (25/9), chama atenção para a importância deste meio de comunicação. Entender as razões pelas quais o rádio ainda desperta tanto fascínio em algumas pessoas, a ponto de ser considerado uma "paixão nacional", é algo difícil de explicar. Talvez nem mesmo o físico alemão Heinrich Rudolf Hertz, responsável por comprovar (em 1888) a existência de ondas eletromagnéticas, poderia imaginar que a descoberta seria tão relevante para todo o mundo.

Hoje são mais de 10 mil emissoras de rádio FM e AM ativas no Brasil, levando informação e entretenimento, de maneira rápida e acessível à população. Elas contribuem diretamente para a promoção da cidadania e o fortalecimento da democracia. Segundo dados da Secretaria de Radiodifusão do Ministério das Comunicações (MCom), entre as emissoras 3,9 mil são FM, 1,2 mil AM e mais de 4,7 mil são rádios comunitárias.

A comunicação feita pelas emissoras é acolhida nos lares, nos carros e até nos locais de trabalho. Com os smartphones, o rádio tornou-se ainda mais portátil, levando nossa programação predileta no bolso para ouvir em qualquer hora ou lugar. Uma pesquisa realizada pelo Kantar Ibope Media, divulgada neste mês, 2020, revela que o rádio é ouvido por 80% da população nas 13 regiões metropolitanas do país. Dos ouvintes, três a cada cinco escutam rádio todos os dias.



Roquette-Pinto durante inauguração da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

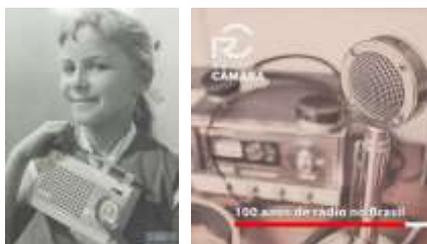
As primeiras transmissões de rádio

O envolvimento dos brasileiros com a radiodifusão é tão forte, que pesquisadores apontam um padre gaúcho como um dos pioneiros na invenção do rádio. Alguns estudos indicam que Landell de Moura realizou sua primeira transmissão de sinais via rádio em 1893! Seis anos depois, ele teria feito a primeira transmissão da voz humana.

Entretanto, não há registros do feito e o mérito nunca foi reconhecido. Em documentos históricos, consta que o rádio foi inventado pelo italiano Guglielmo Marconi, que em 1896 montou o primeiro sistema prático de telegrafia sem fios (TSF), com equipamentos patenteados pelo norte-americano Nikola Tesla.

No Brasil, o título de “pai do rádio” é atribuído ao cientista e educador Roquette-Pinto, que esteve à frente de uma das primeiras transmissões de rádio realizada em 7 de setembro de 1922, no Rio de Janeiro. Na ocasião, foi transmitido o discurso do então presidente da república, Epitácio Pessoa. Os aparelhos receptores estavam instalados em Niterói, Petrópolis e São Paulo.

Um ano depois, Roquette-Pinto fundou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, atual Rádio MEC. Porém, anos antes (1919) a Rádio Club Pernambuco já realizava uma transmissão inédita, de forma experimental, ainda que sem grande repercussão.



Integração regional e massificação das informações

No início da década de 1920, o rádio ainda era experimental, mas alguns anos mais tarde começou a conquistar a elite brasileira – isso porque os aparelhos eram muito caros e precisavam ser importados. “Existe até uma expressão que é ‘rádio vizinho’. As pessoas que não tinham rádio iam para a casa dos vizinhos ou para as praças que tinham alto-falantes”, explica o jornalista e pesquisador da história do rádio, Pedro Vaz.

Mesmo com as dificuldades, educadores e radialistas perceberam o potencial do rádio para ensinar pessoas, considerando que 65% da população era analfabeta, segundo censo demográfico da época. “Apresentadores começaram a ler jornais e revistas, começaram a dar aulas, principalmente a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro”, detalha Pedro Vaz. O rádio se transformou no veículo mais importante para integrar as regiões e massificar a informação no Brasil.

O rádio chegou à casa das pessoas a partir da década de 1930. Em 1932, Getúlio Vargas sancionou uma lei que autorizava a transmissão de propaganda pelas emissoras: foi o incentivo que faltava. Empresas começaram a investir e os aparelhos de rádio ficaram mais baratos. Nas emissoras, a música popular e os programas de entretenimento ganharam espaço. “Vamos ter então um rádio popular, com samba-canção, música da época e vai cair no gosto das pessoas”, observa o pesquisador.

Quando a televisão chegou ao Brasil, em 1950, houve quem profetizasse que o rádio perderia força e ficaria apenas como lembrança do passado. Muitas atrações das emissoras foram transportadas para a TV e mesmo assim o rádio seguiu adiante, adaptou-se e, ainda hoje, está presente na vida das pessoas.

100 anos do rádio: A história do veículo de comunicação no Brasil

21 setembro 2022.

Notícias

Em setembro de 1922, nasceu o rádio brasileiro. Especificamente, no dia do centenário da Independência, o Brasil contou com uma comemoração diferenciada. Seria a transmissão à distância e sem fios, da fala do presidente, que na época era Epi­tácio Pessoa, na inauguração da radiotelefonía brasileira, no estado do Rio de Janeiro.

A memória nacional sobre a radiodifusão, contém algumas divergências. Segundo o professor, especialista em rádio e radialista, Getúlio Neuremberg, há pesquisas que apontam que o rádio começou a operar em território brasileiro anos antes.

“Setembro é um mês muito importante, porque nós temos várias celebrações alusivas ao rádio e, especialmente, no dia 7 de setembro. Então, Epi­tácio Pessoa contratou

duas indústrias norte-americanas, a West House e a Western Electric, para instalar equipamentos de transmissores na praia vermelha, onde foi realizada a cerimônia, e no Corcovado, onde foi instalado o transmissor. Naquela época, os discursos proferidos no palanque da cerimônia, eram ouvidos por 80 alto-falantes. Foi montado um sistema de alto-falantes espalhados na baía de Guanabara. Então, esse é o marco do rádio no Brasil, mas há registros de que três anos antes, em 1919, já existia a Rádio Clube de Pernambuco. Então na realidade a rádio mais antiga do Brasil seria a Rádio Clube de Pernambuco.”.

Para entender toda essa história do surgimento do rádio, precisamos falar sobre um personagem importante, Padre Landell. Roberto Landell de Moura, foi o primeiro a transmitir a voz por comunicação sem fio no mundo, em 1899. No fim do século 19, o mundo vivenciava os primeiros experimentos da comunicação sem fio. Enquanto na Europa, testes feitos por Marconi contavam com incentivo inglês, um brasileiro, sem incentivos e reconhecimento, se tornava o precursor da radiodifusão. Ele morreu em 1928, sem nenhum reconhecimento.

Mas, foi através de Roquette Pinto, médico que pesquisava a radioeletricidade, que surgiu a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, após convencer a Academia Brasileira de Ciências a patrocinar a emissora.

“Graças a Edgar Roquette-Pinto, esses equipamentos que foram usados nessa primeira transmissão oficial, foram aproveitados para serem usados na inauguração da primeira emissora de rádio, aquela que é considerada a primeira emissora, que é a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Vamos considerar que já existia a Rádio Clube de Pernambuco desde 1919, mas então a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, foi inaugurada em abril de 1923 por Edgar Roquette Pinto, porque ele já havia naquela época o potencial de difusão de Educação e Cultura que o rádio tinha”, ressalta Getúlio Neuremberg.

Com essa atitude, ele ficou conhecido como o “pai do rádio brasileiro”, inclusive, sua data de aniversário, 25 de setembro, se tornou o “Dia do Rádio”.

Escutar rádio era uma experiência coletiva e familiar. Reunir-se em torno do aparelho e apreciar a música, a informação, o esporte ou os programas de entretenimento era um ritual raramente realizado individualmente. Foi na chamada “Era de Ouro do Rádio”, que surgiram as radionovelas, os programas humorísticos, musicais, esportivos e acesso às notícias locais, nacionais e mundiais.

“Uma das grandes atrações da década de ouro do rádio, foram as radionovelas. Atores e atrizes começaram sua carreira no rádio, alguns depois migraram para televisão, e também animadores de auditório. Os programas de auditório começaram no rádio, eram pessoas que lotavam os auditórios das emissoras de rádio. Aqui em Belo Horizonte mesmo, a rádio Inconfidência tinha um auditório ali onde hoje é a rodoviária. Lá era um prédio onde funcionava a feira de amostras e a Rádio Inconfidência. As pessoas iam pessoalmente para participar dos programas e como os programas viviam lotados, as pessoas corriam para suas casas para poder acompanhar pelo rádio e não perder os seus principais ídolos”, aponta Getúlio Neuremberg.

Apesar dessa trajetória de crescimento do rádio, foram décadas no ar sem atos regulatórios do poder, já que o Poder Executivo ficou praticamente ausente. Somente em setembro de 1934, com a outorga de uma nova Constituição, concluída sob forte influência do governo Getúlio Vargas foi novamente empossado como presidente da República e instituiu o Departamento de Imprensa e Propaganda, que impunha controle de conteúdo nas transmissões. Em 1937, começaram as vendas de receptores e de ondas curtas no Brasil.

Mas foi em 1938 o ano divisor de águas, pois o país parou para ouvir as transmissões dos jogos da Copa do Mundo, sediada na França, se rendendo ao jornalismo radiofônico. Com a chegada da TV, também chegou à necessidade de pensar no Código Brasileiro da Radiodifusão. Somente em 1958, com Juscelino Kubistchek na presidência, surgiu um amplo projeto de Código apresentado pela bancada da UDN. Seu autor era o deputado e radialista Nicolau Tuma.

Foi o ex-ministro e presidente do Senado, Alexandre Marcondes Filho, que ficou encarregado de levar ao Senado um projeto mais amplo, denominado Código Brasileiro de Telecomunicações. Com João Goulart no poder, após renúncia de Jânio Quadros, cabia a ele o ato final de sancionar o primeiro Código Brasileiro de Telecomunicações do país, em 1962. A resposta de Jango foi o veto a 52 artigos, o que o Congresso derrubou. Assim, em 1967, foi criado o Ministério das Comunicações, no dia 25 de fevereiro.

100 anos do rádio

O rádio é um veículo de comunicação que dá voz a sociedade, acolhe, abraça, é humano, e por ser, resiste. Após 100 anos de história no Brasil, a única certeza que temos é que apesar de qualquer situação teremos eternamente um amigo fiel a todo momento e em todo lugar.

	
Edgard Roquette-Pinto	
	
Nascimento	25 de setembro de 1884 Rio de Janeiro-MN, Império do Brasil
Morte	18 de outubro de 1954 (70 anos) Rio de Janeiro-DF, Brasil
Nacionalidade	brasileiro
Ocupação	Médico legista, professor, antropólogo, etnólogo, escritor e ensaísta Membro da Academia Brasileira de Letras, é considerado o pai da radiodifusão no Brasil. Criador da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, com o intuito de difundir a educação por este meio, por volta de 1923.

Biografia

Roquette-Pinto estudou na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, colando grau em 1905. Logo depois de formado iniciou uma série de estudos sobre os sambaquis das costas do Rio Grande do Sul. Foi professor assistente de antropologia no Museu Nacional da UFRJ em 1906, professor de história natural na Escola Normal do Distrito Federal em 1916 e professor de fisiologia na Universidade Nacional de Assunção em 1920.

Em 1912, Roquette-Pinto fez parte da Missão Rondon e passou várias semanas em contato com os índios nambiquaras que até então não tinham contato com a civilização. Na volta, trouxe vasto material etnográfico e, como resultado dessa viagem, publicou em 1917 o livro *Rondônia – Antropologia etnográfica*, considerado um clássico da antropologia brasileira.

Seus estudos sobre os tipos antropológicos do Brasil ganharam destaque por demonstrar que a miscigenação racial brasileira não havia produzido “tipos raciais” degenerados ou inferiores. Ao contrário, de acordo com as suas pesquisas, a população mestiça brasileira era saudável e eugênica, o que refutava os tradicionais estigmas raciais produzidos por cientistas e viajantes que passaram pelo Brasil desde o século XIX, ou mesmo por setores das elites intelectuais brasileiras.

De acordo com a antropologia de Roquette-Pinto, o grande problema dos brasileiros não era a raça, mas sim as questões sociais e políticas, sobretudo a falta de educação e saúde pública.

Foi diretor do Museu Nacional da UFRJ em 1926, organizando ali a maior coleção de filmes científicos no Brasil.

Em 1932, Getúlio Vargas aprovou a lei sobre a obrigatoriedade da exibição de filmes nacionais e Roquette-Pinto criou o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE). A pedido do ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, convidou o diretor Humberto Mauro para trabalhar com ele. Humberto filmou mais de trezentos documentários de curta-metragem, entre 1936 e 1964.

Roquette-Pinto foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Academia Brasileira de Ciências, da Sociedade de Geografia, da Academia Nacional de Medicina, da Associação Brasileira de Antropologia (da qual foi presidente de honra) e de inúmeras outras associações culturais, nacionais e estrangeiras. Foi um dos fundadores do Partido Socialista Brasileiro.

Na Academia Brasileira de Letras

Na Academia Brasileira de Letras, foi o terceiro ocupante da cadeira 17, tendo sido eleito em 20 de outubro de 1927, na sucessão de Osório Duque-Estrada, e foi recebido pelo acadêmico Aloísio de Castro em 3 de março de 1928. Recebeu os acadêmicos Afonso Taunay em 6 de maio de 1930, e Miguel Osório de Almeida em 23 de novembro de 1935.

Edgar Roquette-Pinto também é homenageado pela Academia Brasileira de Médicos Escritores como patrono da cadeira 33, cujo fundador é o médico urologista paulista Helio Begliomini.

Primeira rádio do Brasil

No ano que comemorou o I Centenário da Independência do Brasil, ocorreu no Rio de Janeiro, então capital federal, uma grande feira internacional, que recebeu visitas de empresários americanos trazendo a tecnologia de radiodifusão para demonstrar na feira, que nesta época era o assunto principal nos Estados Unidos.

Para testar o novo meio de comunicação, os americanos instalaram uma antena no pico do morro do Corcovado (onde atualmente é o Cristo Redentor). A primeira transmissão radiofônica no Brasil foi um discurso do presidente Epitácio Pessoa, que foi captado em Niterói, Petrópolis, na serra fluminense e em São Paulo, onde foram instalados aparelhos receptores. A reação de Roquette-Pinto a essa tecnologia foi: “Eis uma máquina importante para educar nosso povo”.

Depois da primeira transmissão no Brasil, em 1922, Roquette-Pinto tentou convencer o governo federal a comprar os equipamentos apresentados na Feira Internacional. Para o bem da comunicação do Brasil, ele não desistiu, e conseguiu convencer a Academia Brasileira de Ciências a comprar os equipamentos. Em 20 de abril de 1923, Roquette-Pinto fundou a primeira emissora oficial de rádio do país, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (atual Rádio MEC).

Três anos depois, em 1926, a Rádio Sociedade lançou a revista “Eléctron”, dedicada à recém surgida tecnologia do rádio com diagramas de receptores da época, tendo Roquette Pinto como diretor. Foi a primeira revista desse segmento no Brasil.

Em 1936, doou a emissora ao governo brasileiro, especificamente ao Ministério da Educação, transformando-a na Rádio MEC.

Roquette-Pinto também foi radioamador e participou de várias associações da categoria, como a Liga dos Amadores Brasileiros de Rádio Emissão (LABRE). Em 1937 sua estação detinha o indicativo SB1AG.

No Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia

Foi organizado em comemoração ao centenário da Academia Brasileira de Medicina e presidido por Roquette-Pinto e Renato Ferraz Kehl. O evento ficou marcado co-

mo um dos principais congressos de eugenia da América Latina, tendo reunido importantes figuras da comunidade intelectual brasileira e latino-americana. No início dos anos 1930, no auge das discussões sobre controle eugênico da imigração, dos matrimônios e da natalidade, eugenistas brasileiros fundariam a Comissão Central Brasileira de Eugenia, criada com o objetivo de assessorar o governo e as autoridades públicas em assuntos relacionados ao aperfeiçoamento eugênico da população.

Na censura

Em 1936, os aparelhos de rádio já podiam ser comprados em lojas do ramo. Nesse mesmo ano, a Sociedade Rádio do Rio de Janeiro foi doada ao Ministério da Educação e Saúde (MES), que tinha como titular Gustavo Capanema, que comunicou a Roquette-Pinto que a rádio seria incorporada ao Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (mais tarde, em 1939, deste departamento surgiria o DIP), órgão responsável pela censura durante parte da era de Getúlio Vargas.

Em resposta, Roquette-Pinto insistiu que a rádio fosse incorporada ao Ministério da Educação e Saúde, com o fim de preservar a função educativa. Roquette-Pinto ganhou a disputa. A rádio Sociedade passou a se chamar Rádio Ministério da Educação, ou como é conhecida rádio MEC, mantendo, até hoje, o ideário educativo. Consta que, ao se despedir do comando da emissora que fundara, sussurrou chorando ao ouvido da filha Beatriz: “Entrego esta rádio com a mesma emoção com que se casa uma filha”.

Tentativa de TV Educativa

Com o objetivo de pluralizar o número de emissoras na capital federal – as TVs Tupi de São Paulo e do Rio já estavam em funcionamento –, Getúlio Vargas concedeu-lhe um canal de televisão em 14 de maio de 1952. Porém, a TV Educativa de Roquette-Pinto nunca conseguiu sair do papel. Apesar de planejada nos mínimos detalhes, de possuir financiamento devidamente aprovado pela Câmara Municipal do Distrito Federal e dos seus equipamentos terem sido comprados e embarcados no porto de Nova York, de onde deveriam seguir para o Brasil, eles nunca saíram de lá. Perdido o financiamento, Edgar Roquette-Pinto morreria amargurado dois meses após o suicídio de Getúlio Vargas.

Legado

No campo intelectual, o nome de Roquette-Pinto esteve estreitamente associado ao campo da antropologia física e da etnografia, tendo dedicado mais de trinta anos de trajetória ao estudo das populações brasileiras.

Em 1911, participou do Primeiro Congresso Universal de Raças, realizado em Londres, no qual entrou em contato com grandes nomes da antropologia internacional. Em 1912, realizou uma importante viagem antropológica para a região da Serra do Norte, na entrada da Amazônia, no norte do Mato Grosso. Como resultado dessa viagem, publicou em 1917 o seu diário de viagem, intitulado *Rondônia: Antropologia-Etnografia*, obra na qual narrou o seu contato com a população indígena e sertaneja da região. A viagem também inauguraria uma série de estudos que o antropólogo realizaria nos anos seguintes sobre as características das populações brasileiras. Seus estudos ficariam marcados pela defesa da miscigenação racial e da população mestiça brasileira e por uma forte crítica ao determinismo racial e biológico.

Roquette-Pinto também está entre os mais importantes intelectuais brasileiros que se empenharam na organização e divulgação do movimento eugênico brasileiro, juntamente com Monteiro Lobato, Belisário Penna e Octávio Domingues e Renato Kehl. Dificilmente se situará como um “eugenista”, na linhagem de Renato Kehl (ver abaixo, Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia). Já se falou dele como defensor de uma “eugenia positiva”, como um intérprete da mestiçagem brasileira que não significava, a seu ver e na contracorrente dos eugenistas europeus – uma “degeneração”. Como um crítico do racismo científico, Roquette-Pinto entendia que a eugenia deveria ser investida para melhorar as condições físicas e mentais de toda a população brasileira, sem excluir negros e mestiços do processo de aperfeiçoamento da nação brasileira. Neste aspecto, o antropólogo se insurgiu contra a “eugenia negativa” e o racismo praticado por figuras como Renato Ferraz Kehl, que propunha medidas radicais de intervenção eugênica, como a segregação racial e a esterilização eugênica.